

# Pesquisadoras divergem sobre a verdadeira história do Brasil

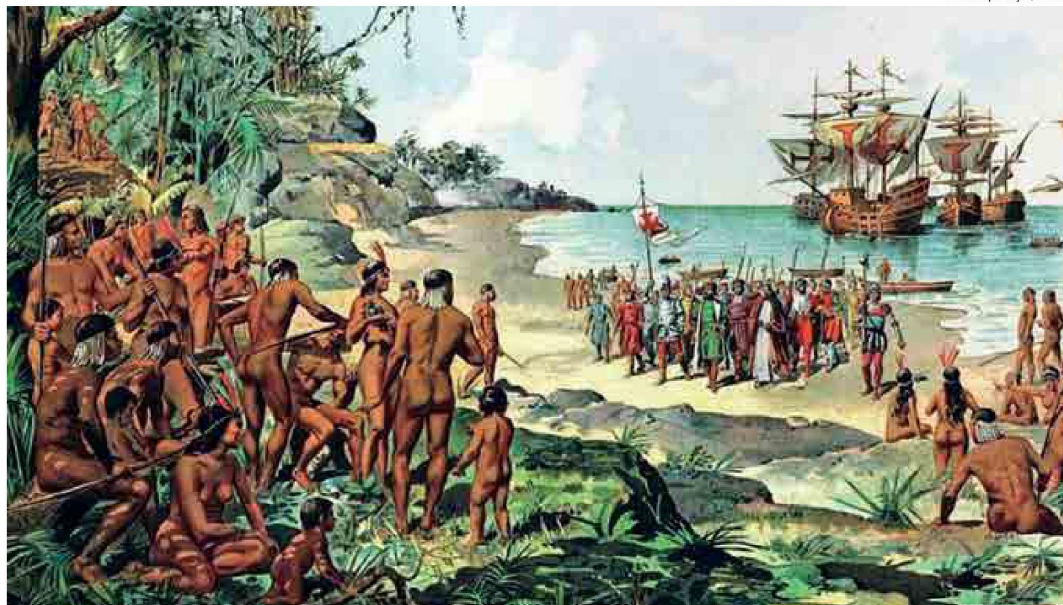
Bandeirantes não seriam “tão ferozes com os índios”, segundo as historiadoras Isabel Lustosa e Maria Luiza Marçílio

Hilton Gouvêa  
hiltongouvea@bol.com.br

Uma equipe de pesquisadoras de São Paulo e Rio de Janeiro descobriu – e está provando – que a verdadeira história do Brasil não aconteceu do jeito que a gente aprendeu na escola. Isabel Lustosa, historiadora da Fundação Casa de Ruy Barbosa, e Maria Luiza Marçílio, que tem a mesma função na USP, opinam que os índios brasileiros, ao negociarem trabalhos com os portugueses e franceses, na verdade não estavam sendo enganados, recebendo quinilharias, em troca do pau-brasil.

Segundo elas, “quinilharias ou coisas inúteis para os índios eram o pau-brasil e outras mercadorias que eles encontravam na natureza e as trocavam por facas, machados, espelhos e panelas, coisas que não existiam no Brasil”. Os ameríndios aqui estavam isolados há mais de três mil anos do desenvolvimento da Ásia e as armas e cavalos dos europeus provocaram uma revolução na vida deles que, até então, viviam na Idade da Pedra. Depois de incorporados às vilas, os nativos, em geral, também gostaram de viver com os portugueses.

Os pesquisadores também afirmam que os bandeirantes “não eram tão ferozes com os índios, a quem matabam sem piedade”. Houve exceções. E os exageros ficavam por conta dos relatórios dos jesuítas. Motivo: os padres queriam aglomerar os índios



Reprodução ilustrativa da chegada dos portugueses ao litoral brasileiro, em Porto Seguro, Bahia, em 22 de abril de 1500, sob o comando de Pedro Álvares Cabral.

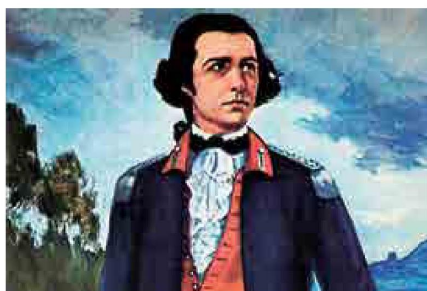
para convertê-los à fé católica. Os bandeirantes os adestravam como caçadores, guias, homens de guarda e os tornavam parceiros em diversas viagens exploradoras. Para os jesuítas, isto significava me-

nos índios sob as ordens deles ou como serviços nas igrejas e missões.

Alguém já notou que alguns livros de história mostram um Brasil recém-descoberto com praias pontilhadas

de coqueiros e algumas terras povoadas com bananeiras? Essas imagens não são verdadeiras. Tanto o coco quanto a banana vieram com os europeus. Os índios se alimentavam dos animais que caçavam

e de amendoim. Os europeus também trouxeram para cá a manga, a jaca e o abacate. Aqui existiam frutas em demasia, mas eram consumidas com cautela pelos europeus, que as desconheciam.



1 - Pintura de Tiradentes  
2 - Nativos na aldeia do pau-brasil, a submissão aos brancos no período da colonização  
3 - Foto de uma cerimônia religiosa na floresta

## Zumbi e Chica da Silva também tinham escravos

Outra afirmativa desmentida pelos pesquisadores é a de que apenas os brancos escravizavam os negros. E também não procede aquela visão paradisíaca dos quilombos, onde todos viviam em pé de igualdade. As correções: Os brancos se tornaram hábeis traficantes de escravos, que compravam de chefões africanos. Este tipo de comércio sustentou a economia africana por muitos anos. No Brasil, os negros Zumbi, Chica da Silva e outros tinham seus próprios escravos, a quem alforriavam. Depois os colocavam sob suas ordens.

Quem afirmava que a feijoada é produto das senzalas brasileiras, pode mudar de opinião. Este prato é típico da Europa, o continente

que criou e exportou para o mundo muitos tipos de ensopados. Os exemplos são o cassoulet francês e o famoso carne com batata, da Inglaterra. Os portugueses juntaram o feijão a um prato já tradicional no mundo, de carne com legumes. A versão que dá autoria aos escravos não procede – até porque, em casas menores, eles comiam na mesma mesa que os seus senhores.

Portugal só fez sugar as riquezas do Brasil? Apenas mandou para cá bandidos e renegados? Exauriu o ouro, o pau-brasil e implantou no Nordeste a monocultura da cana-de-açúcar? Pode ser. Mas os lusos também desenvolveram o país. Ao montar engenhos, pessoas experientes acompanhavam

o desenvolver das plantações e a criação de animais, coisas que os portugueses já faziam na África e no Caribe. O ouro e a cana ajudaram a desenvolver cidades.

Tiradentes foi o grande líder da Inconfidência Mineira? Até certo ponto sim. Mas era figura menor neste movimento elitista. Era um homem simples que nem queria pegar em armas. O objetivo do movimento elitista não era o fim da escravidão, mas dos altos impostos. Tiradentes foi preso na rua dos Latoeiros (RJ), tentando se esconder e sem resistência. A propaganda que os livros didáticos fazem de Tiradentes não é apropriada ao papel que ele desempenhava na Conjuração Mineira.

## Livros e documentos que tratam do tema

Os responsáveis por essas afirmações são os historiadoras Isabel Lustosa, Maria Luiza Marçílio, Ronaldo Vainfas, historiador e autor do “Dicionário do Brasil Joanino”, José Pedro Macarini, do Instituto de Economia da Unicamp e Manolo Florentino, historiador da Universidade Federal Fluminense. Eles fizeram consultoria aos livros “História Politicamente Incorreta do Brasil”, de Leandro Narloch; “1808, de Laurentino Gomes; “A Devassa da Devassa”, de Kenneth Maxwell, “A Formação das Almas”, de José Murilo de Carvalho. “Tiradentes, o Corpo do Herói”, de Maria Alice Millet, “Lampião VP”, de Jack Witte e “Ecologia do Cangaço”. De Melquíades Pinto Paiva.

Os pesquisadores já citados, com base nessas fontes, também ousaram afirmar que Antonio Francisco Lisboa, a quem a história atribui obras de valor incomparável no Século 18, simplesmente talvez nem tenha existido, nem fosse aleijado ou portador de lepra. Também não acreditam que este personagem sofrido e recluso sofreu as dores de ver seu corpo apodrecer até a morte. A equipe admite que “o Aleijadinho é uma invenção literária”, inspirado num herói monstruoso, o Corcunda de Notre Dame, de Victor Hugo. Eles afirmam que o Aleijadinho foi criação de Rodrigo José Ferreira Bretas, que escreveu uma monografia em 1958, a fim de participar de um concurso.

Na realidade existiu um Antonio Francisco Lisboa, mas sua biografia é pouco conhecida, segundo a equipe de pesquisadoras, que afirma: “certamente ele não era deformado nem criou todas as obras a ele creditadas”. Outros historiadores traçam a biografia do Aleijadinho como a de um homem prodígio na área da escultura, falamos do abandono dele pela mulher quando ele contraiu lepra – ela fugiu com um alferes afirmando ao marido que iria passar o final de semana com a mãe -, e que realmente, por causa da doença, tinha que amarrar o martelo e o cinzel nos pulsos, pois seus dedos não doavam mais.